

**BRASIL, LABORATÓRIO DE CIVILIZAÇÃO¹
a importância de Rüdiger Bilden**

***BRAZIL, LABORATORY OF CIVILIZATION
the importance of Rüdiger Bilden***

Maria Lucia Pallares-Burke
Universidade de Cambridge

Resumo:

O artigo reconstrói a trajetória de Rüdiger Bilden, jovem alemão radicado nos EUA, que foi colega de Gilberto Freyre à época da Columbia University. Em suas pesquisas para o doutorado, nunca concluído, e em um de seus ensaios, “Brasil, laboratório de civilização”, antecipa várias das afirmações que tornariam célebre a obra mais famosa de Freyre, Casa Grande e Senzala. A história de vida desse personagem esquecido é feita tomando como eixos de análise o fracasso e o debate sobre a história dos vencidos.

Palavras-chave: fracasso, Rüdiger Bilden, Gilberto Freyre, Brasil.

Abstract

This article summarizes the trajectory of Rüdiger Bilden, a young German student living in the USA, and a colleague of Gilberto Freyre at the Columbia University. In his research for his unfinished Ph.D., especially in his essay “Brazil, a laboratory of civilization,” Rüdiger anticipates several of the statements that become famous through the best known work of Freyre, Casa grande & Senzala. Failure and the debate on the history of the defeated are the core of the analysis on the life-story of this forgotten character.

Keywords: failure, Rüdiger Bilden, Gilberto Freyre, Brazil.

Em janeiro de 1929, a revista semanal *The Nation*, bastante conhecida naquela época (a mais antiga revista semanal norte-americana ainda em circulação), publicou um artigo intitulado “Brasil,

¹ Conferência proferida no King’s College London, na University of Cambridge, no dia 13 de novembro de 2012. A tradução, feita por Myrna Maia, manteve o tom coloquial da conferência.

Laboratório de Civilização”. Quem foi o autor desse artigo? O que ele quis dizer com a expressão “laboratório de civilização”? Qual foi o destino do autor e dessa ideia?

Neste artigo, explorarei a combinação paradoxal do sucesso da ideia com o fracasso de seu autor. Começo pelo autor, Rüdiger Bilden, que tinha 35 anos de idade e morava nos Estados Unidos da América (EUA) desde 1914. Bilden, o protagonista de meu novo livro, *O Triunfo do Fracasso – Rüdiger Bilden*, o amigo esquecido de Gilberto Freyre, estudou na Universidade de Columbia, em Nova Iorque, onde era um excelente e promissor estudante, e onde conheceu o jovem Gilberto Freyre, de quem se tornou amigo por toda a vida.

Bilden impressionava seus professores e amigos com seu talento, sua cultura, seus amplos interesses e seu conhecimento de idiomas. Sendo um pouco mais velho que seus colegas, Bilden logo se tornou mentor dos mesmos, aconselhando-os sobre livros a ler, autores a estudar, línguas a aprender, hábitos de trabalho a desenvolver, temas a se pensar, e assim por diante.

Logo se envolveu em um estudo ambicioso e inovador acerca dos efeitos da escravidão na sociedade e cultura brasileiras, o qual gerou muitas expectativas. Entretanto, ele não viveu o bastante para concretizar seu potencial. Rüdiger Bilden não concluiu seu doutoramento, publicou pouco, não conseguiu ter um emprego permanente nem construir uma carreira – o que lhe teria dado estabilidade profissional e financeira – e praticamente abandonou o mundo acadêmico. Quando Bilden faleceu, em 1980, aos 87 anos, longe da família e desaparecido da memória histórica, seu nome era apenas uma rara e obscura nota de rodapé, que não atraía a atenção nem mesmo de especialistas.

Pelos critérios mundanos, esse homem, que tinha sido tão promissor, acabou se tornando o que os norte-americanos chamam de “perdedor” (*loser*) e o que os ingleses descrevem, em uma expressão um tanto sarcástica, como “alguém que tinha um futuro brilhante atrás de si”.

No entanto, um resumo detalhado de seu projeto, contido em um dos pedidos de financiamento feitos por Bilden, no início da década de 1920, revelou que, em alguns aspectos importantes, esse projeto antecipou em mais de dez anos as conclusões da obra mais famosa de Gilberto Freyre, *Casa Grande & Senzala* – livro publicado em 1933, que, como se sabe, foi comparado a um “terremoto” que

abalou todo o país e reinventou o Brasil ao inverter a visão negativa sobre um aspecto central da realidade brasileira: a mistura racial. Até então, a superioridade inata de certas raças e a inferioridade de outras, como a inconveniência da mistura racial, haviam sido estabelecidas pela ciência. Como disse um personagem do romance *O Grande Gatsby* (Scott Fitzgerald, 1925): “Tudo isso é uma questão científica, foi tudo provado”. Pensava-se, assim, que o Brasil, como resultado de uma miscigenação – que implicava em degeneração, segundo a crença da época – carecia de uma identidade própria. Em suma, muitos estrangeiros, assim como brasileiros, baseados em ideias racistas legitimadas pelo que se apresentava como “ciência”, concordavam que não se poderia esperar nada de positivo de um país povoado por uma “raça mestiça” e administrado por um “governo mulato”, como afirmava o estereótipo do Brasil.

Intelectuais importantes, que leram o projeto de Bilden e parte de sua obra inacabada na época, consideraram suas ideias revolucionárias e estavam certos de que toda a história do Brasil teria que ser reescrita após a publicação de seu livro. O famoso diplomata e historiador Manoel de Oliveira Lima, por exemplo, disse que, finalmente, “a questão da escravidão em meu país será examinada profunda, competente e completamente” e, como resultado, “os vários problemas vitais do Brasil hoje (1924) serão devidamente tratados”. Em suma, Bilden estava fazendo um estudo pioneiro do peso do passado no Brasil, mostrando que o legado da escravidão ainda estava ativamente presente, como um obstáculo para o desenvolvimento da nova república.

Ao escrever um relatório para Fundação Carnegie, em 1924, sobre o progresso de seu trabalho (que ele havia começado a desenvolver em 1922), Bilden, pela primeira vez, chamou a atenção para o contraste entre o sistema colonial britânico e o português, e também para a profunda influência da escravidão doméstica sobre a vida privada brasileira. Porém, talvez, mais importante que tudo, foi ter sido esse esquecido interlocutor de Freyre, que primeiro enfatizou que “os males atribuídos por alguns críticos à composição racial do país deveriam ser imputados à escravidão”.

O trabalho ambicioso e inovador no qual Bilden estava envolvido exigia mais do que amplo conhecimento, esforço e análise profunda – qualidades que nele abundavam. Além de visitar várias bibliotecas nos Estados Unidos, Bilden precisou complementar sua investigação com

uma visita ao Brasil. Não foi fácil para ele, porém, arrecadar fundos para esse empreendimento, mas, eventualmente – com o apoio de seus professores da Universidade de Columbia e de indivíduos como Manoel de Oliveira Lima e outro diplomata e historiador, Helio Lobo –, ele conseguiu uma bolsa do Laura Spelman Rockefeller Memorial Fund, que lhe permitiu visitar o Brasil por um ano e meio, de 1925 a 1927.

Quando regressou a Nova York, sua determinação para terminar de escrever sua volumosa obra sobre o Brasil continuou, apesar das dificuldades de encontrar um emprego – dificuldades que logo aumentariam dramaticamente com a Grande Depressão de outubro de 1929. Porém, em janeiro de 1929, a publicação do artigo “Brasil, Laboratório de Civilização” suscitou ainda mais expectativas sobre o trabalho em andamento. É preciso lembrar que as ideias sobre o Brasil, que hoje, desde *Casa-Grande & Senzala*, parecem fazer parte do senso comum, naquela época estavam longe de ser convencionais – quatro anos antes da publicação do referido livro e dois anos antes mesmo de seu planejamento. Resumindo, eram ideias pelas quais alguém tinha que lutar com determinação e audácia, qualidades que Bilden tinha bastante.

O antropólogo Melville Herskovits, por exemplo, expressou seu entusiasmo, dizendo que esperava impacientemente pelos “resultados completos” do trabalho de Bilden, o qual seria um ataque abrangente ao chamado “racismo científico”, tão difundido na época. Ao dar ares científicos a preconceitos, a “ciência da raça” não somente apresentava a hierarquia natural das raças como sendo um fato comprovado, mas colocava a raça nórdica no topo, pois era considerada a raça do “homem branco por excelência”.

A mesma impaciência foi expressa pelo antropólogo Franz Boas, um dos críticos mais eloquentes da ciência racial durante a primeira metade do século XX. Como amigo e mentor de Bilden, Boas o encarregou de realizar pesquisas sobre a “consciência de raça” brasileira para o livro que publicou em 1929, *Antropologia e Vida Moderna*.

Também o antropólogo brasileiro Edgar Roquette Pinto, que estou tentada a descrever como o “Franz Boas brasileiro”, não escondeu sua admiração por essas ideias destinadas a um público necessitado de bom senso. Como ele disse, as ideias desse “bom amigo do Brasil” acrescentaram, afinal, uma fundamentação histórica à sua própria

ideia de que o brasileiro misto não era um problema biológico, mas um problema econômico e social. Em outras palavras, a população mista deveria ser educada, não substituída.

O artigo foi encomendado pela *The Nation* para ser publicado na época em que Herbert Hoover, presidente eleito, estava visitando a América Latina – de novembro a dezembro de 1928. O texto desenvolveu alguns pontos já anunciados no projeto de Bilden, de 1922, e teve um objetivo muito claro: apresentar a uma sociedade violenta e segregacionista uma visão alternativa das relações humanas, mais humanizada e mais saudável. Ao mesmo tempo, o artigo visou informar o público norte-americano em geral – para quem os principais produtos da América Latina eram “revoluções e terremotos” – que ele vinha cometendo “atrocidades intelectuais” contra essa parte do continente americano.

Entre essas atrocidades cometidas por pessoas instruídas e não instruídas encontrava-se a ideia de que a América Latina em geral, e o Brasil em particular, estavam condenados a serem inferiores, caso sua população não fosse embranquecida.

Descartando os preconceitos correntes dos norte-americanos contra a América Latina e contra o Brasil, Bilden argumentou que a suposta inferioridade desses países tinha uma explicação cultural e não racial, e, portanto, como diz ele, “a causa dos males do Brasil não é a raça. Foi a escravidão”.

Referindo-se à “viagem de boa vontade” organizada por Hoover como parte de uma nova política dos Estados Unidos para a América Latina – a Política da Boa Vizinhança –, Bilden advertiu os americanos que, embora fosse uma iniciativa muito louvável, essa nova política seria completamente estéril se não fosse acompanhada por um “conhecimento elementar” dos países envolvidos.

No caso do Brasil, disse ele, a primeira coisa a ser corrigida era a ignorância sobre um aspecto básico de sua história, ou seja, o fato de que o país foi colonizado pelos portugueses e não pelos espanhóis, que estavam em busca de “ouro, aventura e convertidos”. Em vez disso, o principal objetivo dos portugueses no Novo Mundo tinha sido o de desenvolver a agricultura. A colonização do Brasil, portanto, foi feita “por meio do latifúndio, do trabalho escravo importado e da criação de uma classe mestiça adaptada ao meio e apegada às causas lusitanas”. O não conhecimento do caráter da colonização e do povoamento portugueses torna impossível, diz Bilden, entender a cultura brasileira

e a questão racial.

Ao refletir sobre a questão da miscigenação no Brasil, Bilden a viu como o resultado de uma “propensão adquirida pelos portugueses durante os longos séculos da conquista de Portugal pelos mouros e, mais tarde, durante os empreendimentos coloniais na costa africana”. Acentuando essa tendência, o Brasil, explicou ele, “cresceu como uma sociedade escravocrata, em que o elemento branco puro era numericamente inferior e em que as linhas raciais foram desenhadas de forma mais frouxa do que em qualquer outro país de origem europeia”. Tanto por “razões de Estado” como “por necessidade e hábito” – já que no Brasil havia escassez de mulheres brancas – os colonizadores portugueses “prontamente” se misturaram com escravas índias e negras, dando origem a uma sociedade na qual não havia “uma rígida identidade de raça e classe”, como acontecia nas colônias inglesas, holandesas, francesas e espanholas.

Bilden não negou que existissem antagonismos entre os três principais grupos étnicos ou que houvesse um certo grau de discriminação. No entanto, ele enfatizou que os antagonismos existiam entre diferentes categorias sociais, mais do que entre raças: entre senhores e escravos, em vez de entre brancos, mestiços, índios ou negros – acrescentando que tais antagonismos tendiam a desaparecer à medida que essas distinções sociais desapareciam.

A independência do Brasil, em 1821, seguida da abolição gradual da escravidão e do estabelecimento da República, em 1889, contribuiu para a “equalização social e para a conseqüente fusão de elementos étnicos diversos”. A equalização e a fusão, como Bilden enfatizou, ainda estavam em andamento. Por enquanto, “as linhas raciais ainda seguem as linhas de classe”, o que significa que “quanto mais baixa a classe, mais escuro o sangue”. Pois, como disse ele, o “elemento negroide”, no Brasil, ainda era “deficiente”, de modo que a abolição da escravatura, embora tenha sido construtiva, não o foi a ponto de libertá-lo de sua herança triste e insidiosa. Somente muitas gerações serão capazes de alcançar esse fim”, comenta.

Embora tudo isso continue acontecendo, diz Bilden, e não obstante o fato da supremacia da raça branca na gestão do país, “o brasileiro médio nunca será totalmente branco” e o “brasileiro do futuro representará uma nova raça, nem branca, nem indígena, nem negra [...]”. E esse tipo misto “estará bem adaptado [...] para concretizar a incrível promessa que seu país oferece”.

Já é visível que, nesse processo, “os grupos mais primitivos não estão, como nos países anglo-saxões, rigidamente submetidos aos padrões culturais do grupo dominante, mas estão surpreendentemente livres para fazer valiosas contribuições”. Essa é a “importância vital do Brasil para o mundo em geral”, conclui Bilden com entusiasmo. Cabe ao leitor, diz ele, decidir se o Brasil “deve ser chamado de [...] terra de *mongols*², ou deve ser encarado como um laboratório mundial de civilização tropical”.

O que Bilden quis dizer com essa expressão “laboratório de civilização”? Ele provavelmente estava pensando em um experimento químico em que diferentes substâncias são misturadas para ver o que será produzido³. O resultado da mistura – desse novo experimento social, no caso do Brasil – ainda não estava claro, mas parecia promissor, algo que poderia servir de exemplo para outros lugares. Como Bilden já havia dito a Franz Boas em 1926, o Brasil era o “país mais interessante” do ponto de vista de um estudo de raças devido à complexidade de sua mistura racial. O país era, como disse ele, “um imenso (e muito interessante) trabalho de campo para antropólogos e etnólogos, um campo ainda praticamente intocado por pesquisas científicas sérias”. O que poderia ser dito, prossegue Bilden, em seu artigo de 1929, é que, até aquele momento, o país vinha se transformando e se modernizando “sem guerra, revolução ou outra forma de violência”, e ainda estava progredindo muito “na estrada que leva a uma mistura harmoniosa de elementos étnicos diversos e supostamente incompatíveis em direção a uma nova raça tropical”.

Apesar desse ensaio promissor e da grande expectativa de muitas pessoas, inclusive do próprio Bilden, “Brasil, Laboratório de Civilização”, acabou por ser a única amostra – brilhante, sem dúvida – do livro que Bilden nunca terminou. Os outros poucos artigos que ele publicou durante a vida não expandiram muito essas ideias ou não foram relevantes para o tema desse grande livro que nunca foi concluído. Seis anos mais tarde, ainda não tendo abandonado o projeto, mas com a obra inacabada, com dívidas, sem dinheiro e sem muito entusiasmo, Bilden disse ao seu amigo Freyre que, caso algo lhe

2 Expressão em inglês pejorativa que pode ser traduzida como “bastardos”.

3 O título “laboratório de civilização” certamente chama a atenção, embora essa metáfora não carregue um peso muito grande. Como o antropólogo Sueco Ulf Hannerz espirituosamente afirma, “quando se pega carona em uma metáfora, é preciso saber onde parar”.

acontecesse, gostaria que todas as suas anotações, manuscritos, papéis etc. fossem enviados a ele para que os usasse como achasse melhor. Como Bilden afirmou: “Não conheço ninguém que possa fazer melhor uso deles do que você”. De fato, Freyre teve acesso a esse material antes de escrever *Casa Grande & Senzala* e admite em suas páginas que leu o “primeiro manuscrito” do livro de Bilden, do qual retirou “valiosas sugestões”.

Assim, o relatório para a Fundação Carnegie, juntamente com esse artigo pioneiro, sugerem fortemente que Bilden foi injustamente esquecido pela história, e isso me fez querer saber mais sobre ele. A tarefa não foi fácil. Não havia nenhum arquivo com seus papéis, “sonho de todo historiador”, nenhum diário ou caderno, nenhum descendente a quem abordar e nenhuma informação sobre suas origens, a não ser o fato de que ele nascera em 1893, em Eschweiler, na região do Reno, de onde saiu em 1914.

O que me animou em minha reconstrução da vida de Bilden foi o fato de que estudiosos de primeira categoria, profundamente envolvidos nos debates de seu tempo – entre eles o famoso antropólogo alemão, Franz Boas (que morava nos Estados Unidos) –, respeitavam Bilden e continuavam a achá-lo brilhante, a despeito de seu fracasso para produzir.

O que deu errado com esse jovem e promissor estudioso após suas conquistas iniciais? O que pode explicar o fato de que uma pessoa que antes parecia destinada ao sucesso acabasse morrendo na obscuridade e na pobreza?

Minha investigação conduziu-me em duas direções. Em primeiro lugar, levou-me ao estudo do fracasso, que, embora negligenciado por tanto tempo, tem atraído crescente interesse da parte de estudiosos. Defendendo a necessidade de legitimar o fracasso nas vidas de indivíduos aparentemente bem sucedidos, eles têm chamando a atenção para o fato de que a definição do fracasso não é, na verdade, tão simples quanto parece.

Esses estudiosos enfatizam a necessidade de diferenciar vencedores e perdedores contemporâneos e póstumos – considerando-se que antigos vencedores podem tornar-se perdedores e serem literalmente derrubados (no caso das estátuas de Stalin e Colombo) e que, de maneira inversa, antigos perdedores podem ser reabilitados (como no caso de Thomas Münzer durante o período da República Democrática Alemã).

Em geral, esses autores observam a natureza fugaz do fracasso e do sucesso, que podem ser efêmeros na vida de cada um de nós. Subjacente a esse novo interesse pelo fracasso e pela obscuridade está a ideia de que a história muitas vezes foi escrita como sendo somente a dos vencedores, baseada em arquivos compilados geralmente por eles e que expressam os seus pontos de vista. Em outras palavras, a ideia de que a história tem, geralmente (e erroneamente), se preocupado principalmente com triunfos e com a história do progresso, deixando os fracassados ou perdedores nos lugares a que pertencem – na “lata de lixo da história”, para usar a memorável expressão cunhada por Trotsky quando ele ainda estava no lado dos vencedores.

Mas a fim de entender o que aconteceu – assim vai o argumento –, essa visão heroica ou triunfalista deve ser descartada em favor de uma abordagem mais abrangente da história. Precisamos olhar também para os ditos perdedores – tanto os perdedores coletivos, grupos sem sucesso, como os Girondinos ou os Menscheviks; quanto os individuais, sejam eles grandes perdedores, como Danton, Kerensky e Trotsky, ou pequenos perdedores, anônimos ou obscuros. Porque os perdedores, grandes e pequenos, também fazem parte da história, já que os malsucedidos também ajudaram a moldar o futuro que se tornou nosso presente, produzindo, algumas vezes, ideias fecundas pelas quais, mais tarde, outras pessoas receberam o crédito.

Uma rejeição poética da simples “teoria da lata de lixo”, e uma defesa do presente como sendo produto de perdedores, tanto quanto de vencedores, pode ser encontrada no belo poema de Walt Whitman, no qual ele nos lembra que pode haver grandeza no fracasso e dá “vivas àqueles que falharam – aos vencidos, aos generais que perderam batalhas, aos “sem número de heróis, desconhecidos iguais aos maiores heróis conhecidos” – pois, como ele diz, “batalhas são perdidas com o mesmo espírito com que são vencidas”.

Em segundo lugar, à medida em que fazia minha pesquisa sobre Rüdiger Bilden, tentando reconstruir sua trajetória, passei a vê-lo cada vez menos como um perdedor. Para essa reconstrução, que no início parecia estar fadada ao fracasso, eu tive um golpe de sorte quando consegui encontrar dados sobre a família que Bilden deixara para trás, na Alemanha, quase 100 anos atrás, pois localizei a sobrinha de Bilden, Dra. Helga Bilden, último membro sobrevivente dos Bilden de Eschweiler. Ela se tornou minha principal informante sobre a família de um tio que ela nunca conheceu. Com essa ajuda e também através

da análise de uma vasta gama de materiais dispersos – tais como cartas, textos para conferências, pedidos de bolsas, artigos de jornal, cursos que ministrou aqui e acolá, documentos oficiais etc. –, percebi que, embora Bilden tivesse sido reduzido a uma nota de rodapé muito rara e obscura na história do Brasil e da América Latina, ele havia feito contribuições significativas e pioneiras para esses campos de estudo; contribuições que circularam em forma de manuscritos entre estudiosos e que foram reconhecidas como importantes na época.

Talvez, parte do fracasso de Bilden em produzir seu livro tenha a ver com o fato de ele ser um perfeccionista. Mas podemos certamente dizer que o principal fator de seu fracasso em produzir foi ele estar no lugar errado na hora errada, e que todos os seus talentos, conhecimentos e determinação provaram-se insuficientes para que ele superasse os obstáculos que a vida lhe reservara.

Tendo chegado aos Estados Unidos em 1914, pouco antes do início da guerra, e lá permanecido pelo resto de sua vida, podemos dizer que suas aspirações e frustrações, suas ambições e seu destino, por assim dizer, foram marcados, se não moldados, pelos dramáticos acontecimentos que ele viveu no período mais turbulento do século XX: a nível mundial, as duas grandes guerras e a grande depressão; e a nível local, no EUA, a segregação racial, o New Deal, o início turbulento do Movimento dos Direitos Civis e o Macarthismo.

Bilden foi considerado duas vezes como “inimigo estrangeiro”, e sofreu, como outros alemães e norte-americanos de ascendência alemã, com o clima de hostilidade e desconfiança que tomou conta do país durante as duas guerras e até mesmo entre as guerras – época em que a “histeria antialema” estava sempre pronta para instalar-se no país, manifestando-se de várias maneiras, incluindo o boicote à música alemã, que praticamente desapareceu das salas de concerto, e a mudança dos nomes de produtos alemães, como o hambúrguer, que passou a ser “bife da liberdade”, o sauerkraut (chucrute), que se tornou “repolho da liberdade”, e assim por diante.

O fracasso de Bilden em obter um emprego permanente em uma universidade pode muito bem ter sido resultado de discriminação contra um “estrangeiro inimigo”. O fato de ter sido excluído da participação em encontros para melhoria das relações entre os Estados Unidos e os países latino-americanos estava definitivamente ligado às suas origens, mesmo antes de os Estados Unidos terem entrado na Segunda Guerra Mundial, em dezembro de 1941. E assim, Bilden, que

tinha tanto interesse no assunto, bem como o conhecimento necessário para ajudar a “fortalecer os laços entre as Américas do Norte e do Sul”, foi excluído de eventos em sua área. Como ele escreveu na época, em junho de 1940, “ontem fiquei sabendo por uma fonte segura que o Departamento de Estado não irá tolerar ninguém de origem alemã ou austríaca, seja cidadão [dos EUA] ou não, nas atividades relacionadas à América Latina. Isso me excluirá [...] até de me opor às atividades nazistas na América Latina”. Isso certamente era absurdo e injusto, como escreveu Bilden, considerando-se que ele se opunha diretamente ao fascismo e à Alemanha nazista, morava nos Estados Unidos há quase 26 anos, desprezava Hitler profundamente e, embora fosse um “alemão nativo”, como ele disse, “seria um dos primeiros a levar um tiro se Hitler um dia viesse aos EUA, como muitos norte-americanos temem que ele o faça”.

Apesar de tudo isso, a trajetória de Bilden ilustra uma vitória moral contra a adversidade. Tentando sobreviver com empregos temporários e irregulares, sempre com pouco dinheiro e muitas vezes endividado, era de se esperar que ele abandonasse seus projetos intelectuais e que sua memória só sobrevivesse no arquivo empoeirado da Universidade de Columbia. Mas não foi isso o que aconteceu. Otimista ou sonhador, ele nunca desistiu de suas ambições, apesar das dificuldades. E se for realmente verdade que ele foi um perdedor, em termos materiais, suas atividades, como as de outros ditos perdedores, fizeram uma diferença real no mundo.

Não sendo um espectador indiferente ao que acontece ao seu redor, ou alguém que passa longe de pessoas com problemas, Rüdiger Bilden foi o que se pode chamar de um indivíduo engajado, profundamente envolvido e dedicado às ideias em que acreditava e às causas políticas e sociais que julgava importantes para o mundo. Com sua determinação, Bilden ilustra o que David Riesman chama de “coragem de fracassar”, que ele define como “a coragem de aceitar a possibilidade de derrota e de fracasso, sem ser esmagado moralmente” – e sem perder a vontade de assumir riscos. Coragem, nos lembra Riesman, só é necessária na derrota. “Pouca audácia é necessária do lado vencedor”.

Um exemplo, entre muitos, da dedicação de Bilden no nível individual é a preocupação que ele demonstrou diante do fracasso de seu amigo americano, Franklyn Simkins, que teve sua tese de doutorado rejeitada pela Universidade de Columbia. Insistindo que

Simkins não deveria sucumbir a esse choque e aceitar o fracasso, Bilden o aconselhou firmemente sobre como prosseguir e reescrever seu trabalho – com senso de ordem, com disciplina, com a análise meticulosa dos dados, à maneira alemã, visando à perfeição. O importante, disse-lhe Bilden, é “fazer um trabalho inicial de primeira classe [...] que irá construir sua reputação. Você pode e deve fazê-lo, não importa quanto tempo leve. O que importa é a exatidão e o conhecimento resultante de seu trabalho [...] Esqueça a publicação dele. Isso pode ser arranjado depois”. No fim, ele acrescenta um último pensamento: “Não se sinta desanimado, a vida é dura, a única maneira de lidar com isso é sendo ainda mais duro” – um conselho que o próprio Bilden parece ter seguido literalmente. Suas sugestões foram aceitas por seu amigo Simkins, que reescreveu a tese, a qual foi aprovada em Columbia, e se tornou um renomado historiador da Região Sul dos Estados Unidos.

Na esfera coletiva, a contribuição mais importante de Bilden diz respeito à questão das relações raciais nos Estados Unidos, uma causa à qual ele deu crescente atenção à medida que a perspectiva de terminar seus ambiciosos volumes sobre a escravidão brasileira ia diminuindo. Ele estava em estreito contato com artistas e intelectuais negros da chamada Renascença do Harlem, em Nova York, e com a Associação Nacional para o Avanço das Pessoas de Cor (cuja sigla em inglês é NAACP), compartilhando seus objetivos de melhorar a situação social e as oportunidades dos afro-americanos. Ele conheceu e trabalhou, em estreito contato, com líderes importantes da intelligentsia negra, como Charles Johnson, Aaron Douglas, Walter White e Arthur Schomburg.

A essa causa ele dedicou seu tempo e seus esforços, a fim de melhorar a autoestima e o orgulho dos negros, ensinando-lhes, assim como aos brancos – por meio de vários cursos e palestras, artigos de jornais e, pelo menos uma vez, através de um programa de rádio – sobre a história da cultura dos africanos e seu legado para o Novo Mundo. Ele, portanto, ajudou a demolir o mito de que os negros não tinham passado – acreditando, como seu mentor, Franz Boas, e alguns outros indivíduos da época, que tal mito privava os negros do orgulho de que eles precisavam para lutar por seus direitos, enquanto dava aos brancos razões para justificar a segregação e tratar os descendentes de escravos como inferiores.

Paralelamente, ele continuava a apresentar o Brasil como um “laboratório de civilização” – ou seja, um modelo em relação ao qual

a melhoria da situação dos negros norte-americanos poderia ser mensurada. De um lado, ele apresentava uma Nação nitidamente dividida em negros e brancos (Estados Unidos), e, do outro lado, uma Nação, o Brasil, onde estava ocorrendo um experimento social. Seus habitantes diferenciavam-se em inúmeros tons de marrom, pessoas de origem negra tinham “alcançado proeminência” (o presidente Nilo Peçanha, por exemplo) e não existia segregação institucional – embora, como ele destaca, o legado negativo da escravidão ainda estivesse presente.

Bilden ocupou cargos temporários em universidades para negros, como a Fisk University, no Tennessee, o Hampton Institute, na Virgínia e o Tuskegee Institute, no Alabama, bem como na Rand School of Social Science, em Nova Iorque, fundada pelo Partido Socialista. Ele também deu palestras, muitas vezes sem receber pagamento, no Harlem, o bairro negro de Nova York: em sociedades negras, centros de trabalho e até mesmo em igrejas.

Seu apelo para o público negro parece ter sido tão forte que líderes negros e Franz Boas sugeriram que Bilden fizesse um *tour* pelas principais instituições acadêmicas no Sul para dar uma “série de palestras sobre a situação racial no Brasil”. Outra prova clara da autoridade de Bilden na área é o convite que ele recebeu, na década de 1940, da Tuskegee – uma das mais importantes e antigas universidades para negros do país –, para reorganizar seu programa de pós-graduação. Essa foi sem dúvida uma grande homenagem a um homem branco, particularmente alemão, na época da segregação e da Segunda Guerra Mundial.

Penso que podemos dizer que, como alguns outros ativistas e intelectuais dos Estados Unidos, naquela época, a luta de Bilden pela melhoria das relações raciais foi parte de uma reação contra o fascismo doméstico, uma vez que a opressão de organizações políticas e sociais injustas e desumanas – como a segregação e a discriminação norte-americanas – foi considerada não menos prejudicial do que os regimes de Hitler ou Mussolini. Era tudo resultado da mesma ideologia fascista que nega a liberdade e a igualdade fundamentais dos seres humanos. Franz Boas, amigo e mentor de Bilden, fundou, em 1939, o Comitê Americano para Democracia e Liberdade Intelectual, visando exatamente alertar os intelectuais e cientistas do país para o perigo crescente do fascismo interno. Se convencidos, eles iriam, por sua vez – assim se esperava –, influenciar a opinião pública.

Se voltarmos à ideia do Brasil como um laboratório de civilização – graças ao papel da miscigenação e do hibridismo cultural, ao passado escravagista na história do país, e ao seu futuro promissor –, o que pode ser dito sobre seu destino? Por algum tempo – até a década de 1940 ou 1950, para ser exata –, o nome de Bilden estava ligado a essa ideia, apesar do relativo silêncio de um dos estudiosos que mais deviam às ideias de Bilden: Gilberto Freyre.

No Brasil, intelectuais importantes como Arthur Ramos, Roquette-Pinto, Delgado de Carvalho e Luís Washington Vita foram bem claros sobre os esforços pioneiros de Bilden para combater o preconceito contra as chamadas “raças feias”, para usar a expressão de Roquette-Pinto. Roquette chega a colocar Bilden lado a lado com um cientista alemão muito importante e correspondente de Charles Darwin, Fritz Müller, na luta contra o preconceito racial e contra as teorias raciais que o amparavam. Arthur Ramos e Vita referem-se às ideias de Bilden sobre escravidão e miscigenação como sendo o “leitmotiv da obra Casa Grande & Senzala, de Freyre”.

No exterior, podemos encontrar críticos da ideia da “solução brasileira para o problema racial” acusando Bilden de ser o pioneiro na “criação de um belo mito” e na “construção da fantasia” de que a miscigenação é bela e que a harmonia racial existe “na terra do sol, do samba e da saudade”, como disse um desses críticos. Em suma, as ideias de Bilden – mal interpretadas e privadas de suas nuances – foram, a uma certa altura responsabilizadas pela mistificação do Brasil.

A longo prazo, no entanto, mesmo que o nome de Bilden tenha sido esquecido, algumas de suas ideias sobre a reavaliação do Brasil na primeira metade do século XX, tanto nacional quanto internacionalmente, estão vivas e fortes. Elas incluem o sucesso da ideia de mistura e harmonia racial, conhecida como o legado de Freyre para o país, e há muito tempo incorporada ao discurso oficial ou semioficial do Brasil, mesmo que acusada, de vez em quando, de ser pura idealização. “Não só somos um povo misturado, mas um povo que gosta muito de ser misturado. É o que faz nossa identidade”, disse o Presidente Lula não muito tempo atrás.

Eu gostaria agora de chamar a atenção para alguns pontos gerais levantados pela trajetória de Rüdiger Bilden. O norte-americano Robert Merton, sociólogo da ciência, cunhou o termo “Efeito Mateus” para descrever o processo pelo qual importantes descobertas científicas, feitas por cientistas menos conhecidos, são lembradas

pela posteridade como se fossem obra de figuras importantes como Galileu ou Einstein. De fato, como afirma Merton, “os grandes passos da ciência são, na verdade, construídos por um grande número de pequenas contribuições”, e aqueles nomes famosos nunca trabalharam sozinhos, mas apoiaram-se em figuras esquecidas, os “pequenos perdedores”.

Da mesma forma, pode-se dizer que as inovações importantes na cultura não são produzidas por uma “estrela” somente, mas são, pelo contrário, resultado da contribuição de uma “constelação inteira” de indivíduos, raramente reconhecidos pela posteridade. Em outras palavras, podemos dizer que milhares de Bildens vivem e morrem desconhecidos, tendo seus sucessos reais escondidos pela aparência de fracasso.

No caso de Bilden, vemos uma carreira profissional fracassada juntamente com uma vida dedicada a promover causas nas quais acreditava. As causas pelas quais ele trabalhou – como a importância de estimular o orgulho negro para a luta contra as ideias racistas da época –, e que pareciam, naquele momento, condenadas ao fracasso, agora parecem ter sucesso, dado que a teoria racial (se não o racismo) tornou-se “moeda desvalorizada”. É neste sentido que, pelo menos postumamente, Bilden é um exemplo de ironia da história, mostrando que aquilo que, a curto prazo, parece ser um fracasso, pode eventualmente transformar-se em vitória. É por isso que sua trajetória pode ser descrita a longo prazo como “O triunfo do fracasso”.

Sua vida também ilustra nitidamente o impacto destrutivo de grandes eventos em biografias individuais, como no caso das muitas vidas destruídas pelo Grande Crash de 1929, pela eleição de Hitler, em 1933, e assim por diante. E por causa disso, sua vida nos faz lembrar a questão ponderada por dramaturgos, desde os gregos e elisabetanos: quanto de nossas vidas construímos nós mesmos e quanto é construído para nós pelas circunstâncias e pela boa e má sorte, às quais todos os seres humanos são tão vulneráveis. Dito de outro modo, quais são os papéis relativos das circunstâncias favoráveis e do mérito no sucesso? Essa pergunta desafia um mito central na sociedade moderna, ou seja, a convicção de que a escada do sucesso pode ser escalada por qualquer pessoa determinada a trabalhar duro para isso.

Ligada a essa questão, a vida de Bilden também nos leva a fazer outras perguntas muito importantes, tais como: Qual é o significado de uma vida bem vivida? O que define o sucesso na vida?

Referências

BILDEN, Rüdiger. *Accomplishments*: 3, p.9 (Projeto apresentado à John Simon Memorial Foundation em 1936, John Simon Guggenheim Memorial Foundation Archives.)

_____. *Accomplishments*: 5. Group Anthropology, Ruediger Bilden, 1937, p.9-10 (John Simon Guggenheim Memorial Foundation Archives.)

_____. Brazil, laboratory of civilization. **The Nation**, New York, jan. 1929, v.128, n.3315.

_____. Comment on Samuel H. Lowrie, racial and national intermarriage in a Brazilian city. **American Journal of Sociology**, v. 44, n.4, p. 698-701, mar. 1939.

_____. **Memorandum for Dr. William Jay Schieffelin**, 13 out. 1943.(General Education Board Collection, Rockefeller Foundation Archives.)

_____. Race mixture in Latin America. In: LAIDLER, Harry W. (org.) **The role of races in our future civilization**. Nova York: L.I.D. Pamphlet Series, 1942, p.49-54.

_____. **Race relations in Latin America with special reference to the development of indigenous culture**. Virginia: Institute of Public Affairs, Albert and Shirley Small Special Collections Library, University of Virginia, 1 jul. 1931.

_____. Rural Brazil: its problems and the challenge. **The Pan American**, v.10, n.9, p. 37-41, fev. 1950.

_____. Slave and citizen: the Negro in the Americas. **Surbey Graphic**, v.83, p. 294-5, out. 1947.

_____. **Slavery as a factor in Brazilian history**. 1922. (Projeto enviado à Carnegie Foundation, com cópia para Oliveira Lima, Oliveira Lima Family Papers, CUA.)

BOAS, Franz. **Anthropolgy and modern life**. London: Gerge Allen & Unwin, 1929.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. 29a. ed. Rio de Janeiro: Record, 1992.

_____. Sobre as ideias gerais de Rüdiger Bilden. **Diário de Pernambuco**, 17 jan. 1926.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia. **O Triunfo do Fracasso**. Rüdiger Bilden, o amigo esquecido de Gilberto Freyre. São Paulo: Edusp, 2012.

Recebido em 10/09/2013

Aprovado em 20/09/2013